



REVES - Revista Relações Sociais (eISSN 2595-4490)

Educação e natureza: reflexões a partir da primeira infância

Education and nature: reflections from early childhood

Evangelista Soares Siqueira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8261-0659>

Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEnsino),
Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado/RS, Brasil.

E-mail: evangelista.siqueira@gmail.com

Francisco Marcos Mendes Nogueira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1630-5613>

Universidade Estadual de Roraima (UERR), Boa Vista/RR, Brasil

E-mail: marcos2201@gmail.com

Francisleile Lima Nascimento

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8184-6176>

E-mail: leile_lima@hotmail.com

Article Info:

Article history: Received 2022-02-26

Accepted 2022-06-01

Available online 2022-06-15

doi: 10.18540/revesv15iss3pp14358-01i



Resumo. O presente texto busca articular e relacionar a temática da educação com a natureza, refletindo, dessa forma, a relação entre esses dois elementos no contexto da primeira infância. Para isso, considerar-se-á a primeira infância entre os anos de 0 a 6 anos, período que normalmente ocorre o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, na qual se liga, diretamente, ao cotidiano e ao ato de brincar. Partindo desse princípio, a nossa intenção com o texto é voltar o nosso olhar para a primeira infância, refletindo sobre seu desenvolvimento, bem como a conexão da criança com a natureza, em particular no processo de ensino-aprendizagem. Assim, o presente estudo tem por objetivo analisar como o espaço natural ou transformado contribui para o desenvolvimento infantil a partir do processo de ensino-aprendizagem. Desta feita, a metodologia adotada é de natureza descritiva e bibliográfica tendo por abordagem a pesquisa qualitativa, na qual se utilizou de coleta de dados e informações junto às bases de dados da Biblioteca Eletrônica Científica Online (*Scielo*) e dos Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC). Para facilitar a busca e, posterior, análise, tomou-se como chave de leitura as seguintes categorias: primeira infância, brincar, desenvolvimento infantil, educação e o ambiente natural no

processo de ensino infantil. Logo, o texto busca mostrar a importância da natureza no processo educativo, em particular ao considerar o processo de ensino-aprendizagem na e para a primeira infância.

Palavras-chave: Educação. Ensino-aprendizagem. Natureza. Primeira Infância.

Abstract. The present text seeks to articulate and relate the theme of education with nature, thus reflecting the relationship between these two elements in the context of early childhood. For this, the first childhood will be considered between the years of 0 to 6 years, period that normally occurs the process of development and learning of the children, in which it is linked, directly, to the daily life and the act of playing. Based on this principle, our intention with the text is to turn our gaze to early childhood, reflecting on its development, as well as the child's connection with nature, particularly in the teaching-learning process. Thus, the present study aims to analyze how the natural or transformed space contributes to children's development from the teaching-learning process. This time, the methodology adopted is of a descriptive and bibliographic nature, with a qualitative research approach, in which data and information were collected from the databases of the Online Scientific Electronic Library (SciELO) and the Electronic Journals in Psychology (PEPSIC). To facilitate the search and, later, analysis, the following categories were taken as a key to reading: early childhood, playing, child development, education and the natural environment in the process of early childhood education. Therefore, the text seeks to show the importance of nature in the educational process, in particular when considering the teaching-learning process in and for early childhood.

Keywords: Education. Teaching-learning. Nature. Early Childhood.

1. Introdução

O presente texto busca articular e relacionar a temática da educação com a natureza, refletindo, dessa forma, a relação entre esses dois elementos no contexto da primeira infância. Para isso, considerar-se-á primeira infância entre os anos de 0 a 6 anos, período que normalmente ocorrem o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, na qual se liga, diretamente, ao cotidiano e ao ato de brincar.

O brincar, por excelência, deve constituir o cotidiano de toda criança, o qual está presente em todas as fases do seu desenvolvimento. Dessa maneira, o ato de brincar possibilita-a desenvolver o imaginário, sendo, portanto, capaz conceber a construção da sua realidade. Assim, infere-se que o brincar contribui no processo de aprender a pensar, estimulando a imaginação e a sua inteligência. Por conseguinte, nota-se que o desenvolvimento infantil também passa pelo universo da ludicidade, dos jogos e das brincadeiras, as quais são excelentes oportunidades de mediação entre o prazer e o conhecimento que é historicamente constituído e, onde o brincar é natural e faz parte do desenvolvimento humano, sendo uma excelente solução educação no processo de ensino aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Partindo desse princípio, a nossa intenção com o presente texto é voltar olhar para a primeira infância refletindo sobre seu desenvolvimento, bem como a relação da criança com a natureza no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, partiu-se da seguinte inquietação: em que medida o espaço natural ou transformado contribui para o desenvolvimento infantil no processo de ensino e aprendizagem?

Diante dessa questão problema, levanta-se como possíveis respostas:

a) A criança que tem o maior contato com o meio natural se desenvolve como mais facilidade de socialização;

b) A educação nos espaços não formais de ensino torna-se um elemento atrativo e cheio de significados no desenvolvimento infantil;

c) O ensino e a aprendizagem que tem como meio interaciona através da educação e da natureza contribui para o desenvolvimento infantil e, por conseguinte, a preservação da primeira infância.

Posto isso, o presente texto tem por objetivo analisar como o espaço natural ou transformado contribui para o desenvolvimento infantil no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o estudo apresenta, ainda, os seguintes objetivos específicos:

a) Discorrer sobre o processo de desenvolvimento da educação infantil no Brasil;

b) descrever a primeira infância e suas principais concepções; e,

c) refletir sobre a relação da primeira infância e o ambiente.

Nessa perspectiva, entendemos que a presente pesquisa tem relevância social e acadêmica-científica. No âmbito social acredita-se que sua relevância se dar pela própria temática, na qual busca envolver um grupo da sociedade, as crianças, com a perspectiva do seu desenvolvimento. Já no âmbito acadêmico-científico compreende-se a importância por provocar o debate e lançar luzes a respeito da temática junto aos profissionais e acadêmicos dessa vertente, os quais terão dados para amparar o debate a certa de algo, que por vezes, é tão negligenciado que é justamente o ato e o direito de brincar durante a infância. E, desta forma, compreender a importância do brincar no desenvolvimento da criança.

Segundo Ghedin e Franco (2012, p. 13) uma das responsabilidades da pesquisa é fazer com que o conhecimento avance. Todavia, segundo os autores se faz necessário que o pesquisador domine não só o conteúdo como os conceitos, os métodos e também os procedimentos. Ainda para os autores, “um caminho investigativo é sempre uma trajetória construída pelos passos que nos induziram numa determinada direção”.

Desta feita, a metodologia por nós dotada é de natureza descritiva e bibliográfica tendo por abordagem a pesquisa qualitativa. De acordo com Ghedin e Franco (2012, p. 27), a opção escolhida pelo pesquisador implica determinada técnica e, por sua vez, ela vai exigir uma determinada estratégia. Para os autores, essa condição faz com que “as técnicas, estratégias e procedimentos constituem a base dos dados fundamentais para a análise do objeto pesquisado”. Partindo desse entendimento, utilizar-se-á a coleta de dados a partir de informações colhidas juntos a base de dados da Biblioteca Eletrônica Científica Online¹ (*SciELO*) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia² (PEPSIC). Para tanto, tomou-se como categoria de busca e, posterior, análise, – primeira infância, brincar, desenvolvimento infantil, educação e o ambiente no processo de ensino infantil.

Sendo assim, o presente texto se estrutura tendo como fio de *Ariadne* a abordagem teórica, a qual parte-se do contexto da educação brasileira através do ensino lúdico na educação infantil, bem como seus desdobramentos a partir da discussão sobre a primeira infância; a relação entre educação e natureza no contexto da primeira infância e do ambiente; da aprendizagem pelo meio; a cultura do brincar e a cultura da primeira infância através do ser criança. Destacando, ainda, os

¹ Cf. <https://scielo.org/>

² Cf. <http://pepsic.bvsalud.org/>

benefícios do brincar no processo de desenvolvimento da criança. E, por fim, apresentamos uma discussão a título de considerações finais sobre o tema proposto.

2. Breve contexto da educação brasileira e do ensino lúdico na educação infantil

Quando olhamos para o contexto histórico da educação brasileira à uma grande incidência de relatos de que a educação das crianças deveria ser de responsabilidade quase que exclusiva da família, a qual tinha o dever de repassar as tradições, os costumes, as regras e as normas. Todavia, no conceito laico, a educação básica ofertada nas escolas pelo Estado oportuniza o indivíduo usufruir de um ambiente de socialização, conhecendo e descobrindo novos horizontes através da interação com as demais crianças (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

De acordo com Rizzo (2003), a educação básica ou infantil passou a ocorrer no Brasil em meados da década de 1960, através da “roda dos excluídos”, que recebiam as crianças órfãs e que deram origem a criação às creches, asilos e orfanatos fundados com objetivo de subsidiar e assistir mulheres que trabalhavam fora de casa, às viúvas desamparadas e os órfãos.

Silveira (2011) infere que a educação infantil de 0 a 5 anos, bem como as creches até meados do século XIX praticamente não existiam no Brasil. Elas, somente passaram a fazer parte do cenário educacional com o advento da industrialização no País, as quais foram criadas voltadas para o atendimento de crianças pobres como forma de “auxiliar” as mães operárias. Posteriormente foram criadas as primeiras unidades de jardins-de-infância e estava voltado para o público de classe alta. Vale destacar que, os de jardins-de-infância foram concebidos a partir das didáticas e pedagogias adotadas da educação infantil europeia.

Em consonância com o exposto acima, Santos (2010) afirma que a educação infantil surge no Brasil no fim do século XIX com a criação de creches. Em grande medida, elas, foram impulsionadas pela instalação industrial, que cada vez mais exigia a mão-de-obra feminina na linha de produção. Todavia Didonet (2001), ressalta que o processo histórico da educação infantil brasileira somente ocorreu por volta do século XX.

Ainda para Didonet (2001), a educação infantil foi impulsionada por ações filantrópicas, caritativas, assistenciais em que instituições religiosas, empresários e educadores, passaram a conceber um espaço fora do âmbito familiar para cuidar dos filhos das mulheres operárias que buscavam uma renda familiar. Salienta-se que, nesse contexto, as instituições de amparo visavam mitigar o índice de mortalidade infantil, a desnutrição e o número de acidentes domésticos, atendendo principalmente as crianças das classes menos favorecidas.

É importante ressaltar, de acordo como o pensamento de Santos (2010), que a educação infantil no período que compreende as décadas de 1970 e 1980 não tinha a função de educar no sentido moderno da palavra. Naquele período, a função da educação era basicamente o de cuidar das crianças de zero a cinco anos. Essas instituições infantis somente passaram a ter caráter educativo anos depois, assistidas como um direito previsto na Constituição, em particular no Art. 205 quando afirma que a “educação, direito de todos e dever do Estado e da família”.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Nono (2010) afirma que, a legislação brasileira, a partir da Constituição Federal de 1988, reconheceu a educação infantil como direito, em especial com a aprovação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB/1996). Por conseguinte, a educação infantil ofertada pelas

creches e pré-escolas assume seu caráter educativo, passando a ser um ambiente de formação e transformação do universo infantil.

Dessa maneira, a educação infantil brasileira ganha estrutura física, didática e pedagógica, assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 regulamentando e definindo a educação infantil como primeira e mais importante etapa da Educação Básica, pois visa o desenvolvimento integral da criança de zero a seis anos de idade, compreendendo os aspectos físico, psicológico, intelectual e social, além da ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Sendo assim, percebe-se que o processo histórico da educação infantil no Brasil vivenciou dois momentos distintos. No primeiro momento a educação era vista como assistencialista que atendia as crianças órfãs orientadas para cuidados em relação à saúde, higiene e alimentação, onde o atendimento nas creches, de 0 a 3 anos estava destinado às camadas populares, e a pré-escola, segmento voltado para as classes médias e altas, encarada como a porta de entrada das crianças ricas na Educação. O segundo momento ocorre a partir da Constituição de 1988 que tornou a educação infantil um segmento de dever do Estado e fortaleceu seu caráter educativo, possibilitando o acesso gratuito da educação para todos (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

Considerando o contexto do desenvolvimento da educação brasileira e as inovações tecnológicas que invadiram as salas de aulas tornando o ensino cada vez mais dinâmico e acessível, surge então a chamada Escola Inovadora. O processo de aparecimento das escolas inovadoras pode-se dizer que surgiu na primeira metade do século XX, período de intensas mudanças políticas, econômicas e sociais na sociedade brasileira. Essas mudanças refletiram significativamente nas questões educacionais e pedagógicas, desertando nos intelectuais da época interesses em conceber uma nova escola, visto que a escola tradicional já não correspondia com a realidade do contexto do País. Deu-se então, a luta por uma educação mais significativa e democrática, denominada de Escola Nova (PINHEIRO, 2013).

Conforme Pinheiro (2013), a inovação e a tecnologia se tornaram os ingredientes essenciais para o desenvolvimento da educação e da sociedade de forma geral, e tendo em vista a sua importância e a possibilidade de ampliação das novas fontes de conhecimento, as escolas passam a adotar uma nova concepção de ensino que lhes dão o conceito de escolas inovadoras.

De acordo com Basso (2000), esse novo conceito de escola contempla a visão pedagógica de Wallon, Piaget, Vygotsky que conceberam a educação como um processo interativo que é construído por pressuposto de ampliação das possibilidades de desenvolvimento das habilidades dos estudantes. Esse processo ocorre por meio da interação em que o aluno aprende melhor quando ele é capaz de colocar em prática, por exemplo, os conteúdos teóricos, a partir de projetos e atividades, as quais têm aplicações na vida real. Essa condição permite o aluno ser o protagonista de seu próprio conhecimento.

Destarte que a escola inovadora ganhou destaque, pois busca focar no ensino da interdisciplinaridade, possuindo aulas com temáticas que englobam diversas matérias e conteúdo, incentivando a criatividade e o pensamento interdisciplinar do aluno e do professor, pois a contextualização é fundamental para a criatividade e produção do conhecimento (FRANCO; TANO, 2014). Vale sublinhar que, a escola inovadora não pode ser traduzida como a que apresenta ou detém as melhores tecnologias, mas sim é a que busca desenvolver modelos educacionais a partir da resolução problemas, em particular de forma criativa, no qual o pano de fundo são os problemas da vida real o alunado. Dessa forma, a escola inovadora tem papel de orientar e mediar as

situações de aprendizagem para que, assim, ocorra o compartilhamento da aprendizagem colaborativa do aluno com o meio (SANTOS; MARQUES, 2010).

2.1 Tecendo comentários sobre os aspectos gerais da primeira infância

Existe uma relação direta entre a ideia de primeira infância e ser criança. Assim, torna-se imperativo sua conceituação para o melhor desvelamento da presente abordagem. Brentani *et al.*, (2014) trabalham a definição de primeira infância a partir do entendimento do Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância³. Assim, os autores inferem que a primeira infância é:

[...] a fase dos 0 aos 6 anos e é um período crucial no qual ocorre o desenvolvimento de estruturas e circuitos cerebrais, bem como a aquisição de capacidades fundamentais, que permitirão o aprimoramento de habilidades futuras mais complexas (BRENTANI *et al.*, 2014, p. 01).

Como podemos perceber, é nessa fase que ocorrem o desenvolvimento de estruturas e circuitos cerebrais. Eles são primordiais para aquisição das capacidades e, por conseguinte, o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Partindo desse princípio e com base na figura abaixo, podemos inferir que a privação da primeira infância pode gerar grandes prejuízos ao desenvolvimento por completo das crianças.

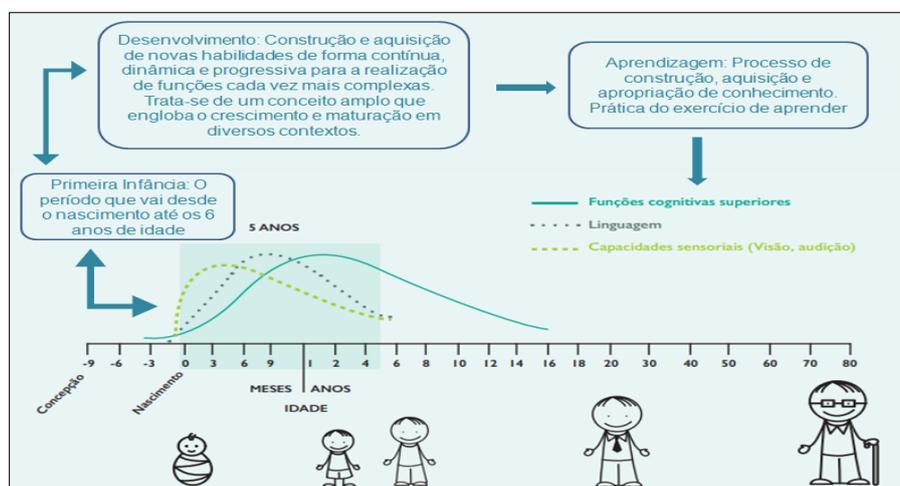


Figura 1 – Primeira Infância: fase de desenvolvimento infantil

Fonte: BRENTANI *et al.*, (2014); NASCIMENTO; NASCIMENTO (2022).

A fim de garantir o pleno direito das crianças de terem e viverem a primeira infância foi gestado um aparo legal que se dá com o Marco Legal da Primeira Infância⁴ e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990). O Marco Legal da Primeira Infância tem como proposta, projetos que assegure os mesmos desde a fase primária até os 6 (seis) anos de idade. Já o ECA busca amparar crianças e adolescentes até

³ É possível conhecer e obter mais informação sobre a ação do Núcleo Ciência Pela Infância por meio do endereço eletrônico: <https://ncpi.org.br/>

⁴ De acordo com a Lei n. 13.257/2016, no Art. 1, estabelece princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a primeira infância em atenção à especificidade e à relevância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento infantil e no desenvolvimento do ser humano.

os 18 anos de idade. Essas leis propõem caminhos para a proteção e ao mesmo tempo a implementação de políticas públicas para o seu pleno desenvolvimento, sejam elas crianças ou adolescentes.

Loro (2016) advoga que a proteção da infância deve ser uma responsabilidade de todos, pois o seu desenvolvimento não deve ser somente uma responsabilidade dos pais, mas de todos que coabitam social e cultural, especialmente porque tanto o ECA como o Marco Legal da Primeira Infância asseguram a liberdade, saúde, segurança, ou seja, um viver digno, tanto das crianças quanto dos adolescentes. Sendo assim, tornar-se imprescindível que eles tenham um crescimento saudável. Assim, os responsáveis que infringirem essas normas ou negligencie o direito a primeira infância, por exemplo, poderão sofrer penalidades.

2.2 Relações dialógica entre educação e natureza no contexto da primeira infância e o ambiente

Como já foi destacado anteriormente, a primeira infância tida como a fase de desenvolvimento do ser humano, a qual está inserida na faixa etária entre 0 aos 6 anos. Nessa faixa etária as crianças se desenvolvem e são capazes de aprender por meio da interação socioespacial (BRENTANI *et al.*, 2014). Na busca de uma melhor compreensão dessa fase da vida humana, a ciência lança mão do uso da psicanálise. Ciência que se preocupa em estudar o sujeito desde o nascimento até o alcance da maturidade, acompanhando os processos e as transformações que o crescimento e as experiências experienciadas pelos sujeitos, em particular a partir da relação do sujeito com o meio (OLIVEIRA; FULGENCIO, 2010).

Na concepção de Carvalho (2016), desde o momento em que a criança nasce, ela já é capaz de ter contato com brincadeiras. A título de exemplo, as brincadeiras podem surgir de forma mais genuína no contato entre a mãe e o bebê, principalmente quando as mães brincam modificando a tonalidade e/ou timbre da voz. Outro exemplo, é o carinho que é estabelecido com a troca a fralda, singularmente pelo cheiro. Logo, o desenvolvimento infantil tem por característica a intimidade, das descobertas e de da exploração de um mundo de fantasia que é próprio do universo infantil. Emergindo desse prisma o imaginário da criança como forma mais profunda desse universo de fantasia em relação com o meio (CARVALHO, 2016).

Sendo assim, se necessário que por vezes a criança nasce, cresce e se desenvolve em um ambiente hostil, sendo privada dos seus direitos, como os que tangem o Artigo 227 da Constituição Federal quando afirma,

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

Cabe ressaltar, com base em dados da Rede de Ação Política pela Sustentabilidade⁵ (RAPS), no Brasil cerca de 50% dos municípios acabam por não oferecer e/ou garantir um ambiente sadio às crianças, privando-as, por vezes, de seus direitos mais elementares. Para se ter uma ideia, cerca de 42% das crianças e adolescentes, entre 0 e 14 anos, encontram-se abaixo da linha da pobreza, sem deixar de mencionar a falta de saneamento básico. Outro dado alarmante é a mortalidade infantil por cauda de diarreia, aproximadamente 2 crianças morrem por dia no Brasil.

⁵ <https://www.raps.org.br/>

Ademais, 2,8 milhões de crianças estão fora da escola, bem como cerca de 79 mil crianças na faixa etária de 5 a 9 anos são obrigadas trabalhar para contribuir na renda familiar (RAPS, 2020).

Esse cenário, a nível de Brasil, acaba por usurpar o direito mais sagrado das crianças que é a de viver a experiência pessoal da primeira infância e, conseqüentemente, os próprios impulsos criativos que é condição *sine qua non* da criança neste estágio da vida. Assim, reconhece-se a criança como portadora de capacidades de vivenciar e experienciar um mundo criativo. No entanto, ele só se torna possível se a ambiência for favorável aos estímulos e a criatividade, tanto individual quanto coletiva. Winnicott (2005) chama atenção para essa fase, a qual é promissora no desenvolvimento da criança, tendo, ainda, a participação ativa da mãe, adaptando-se às necessidades básicas e exercendo os papéis necessários para o desenvolvimento criativo que necessita, bem como do espaço e convívio social favorável.

Desta feita, deve-se ressaltar que a vinculação familiar é fator preponderante para que ocorra esse processo, pois é nas experiências primárias, que a criança aprende a se relacionar e a se perceber no mundo, pois é sabido que a realidade intensifica os estímulos criativos e é capaz de estender-se no processo evolutivo como ser humano, mas para que venha acontecer se faz necessário que o ambiente lhe ofereça as condições mínimas condições e por extensão requer a segurança dos seus direitos básicos (RAPS, 2020).

2.2.1 Educação e natureza: a aprendizagem pelo meio

O contato da criança com a natureza permite observar, sentir e viver de fato como a natureza funciona. A infância é um estado que nos faz capaz de enxergar a natureza. Desde que nascemos somos a natureza em si. Na década de 1970 as crianças tinham mais liberdade dentro do seu espaço e com a natureza, o ir e vir era mais dinâmico (O COMEÇO DA VIDA LÁ FORA 2, 2020).

Com o processo de urbanização surgindo nas cidades, está reduzindo este espaço onde a criança pudesse explorar tudo aquilo que fosse possível dentro do seu alcance, o urbano foi “concretizando” e tomando de conta de todos os ambientes e reduzindo assim o verde - a natureza e conseqüentemente acuando as crianças a redução de liberdade nestes espaços, assim a liberdade de ser criança fica ameaçada. As crianças são urbanizadas e estão cada vez menos próximas da natureza e dessa interação com ambiente externo natural.

As crianças estão vivendo em “caixas”, onde a sua casa é uma “caixa”, onde sai para ir à escola, outra “caixa”, e se vai para um espaço de “lazer”, que é outra “caixa”. É um somatório de “caixas” aos quais as crianças passam a maior parte da sua vida. E estas caixas afastam estas crianças dos ambientes abertos verdes, sendo a natureza um ambiente de aproximação, de lazer, de descoberta e autoconhecimento e de aprendizado profundo com sua existência e sua ligação com o meio natural, para tanto, na modernidade do século XXI estão passando boa parte de sua infância em ambiente fechados (O COMEÇO DA VIDA LÁ FORA 2, 2020).

A urbanização eliminou boa parte das crianças utilizaram espaços naturais, nossos hábitos destrutivos vão contaminando e não permitindo o uso destes ambientes. As crianças acabam não tendo esse contato com espaços verdes e cada vez mais ficará escassa os ambientes naturais saudáveis para lazer e aproveitamento. As crianças querem se perder em espaços livres, se sentirem livres onde não há limitações para usufruir estes espaços, a liberdade e a sensação de pertencer à

natureza fazem parte da criança. As cidades grandes ou metrópoles são os ambientes urbanizados onde mais as crianças têm menos alternativas de liberdade com espaços abertos e naturais.

Os ambientes escolares estão cada vez mais urbanizados, os currículos se formam para atender demandas de teorias, conteúdos e provas, e estão deixando de pensar em outros aspectos importantes nessa jornada da infância. As escolas em sua infraestrutura também estão reduzindo espaço abertos e de lazer, ambientes escolares com espaços verdes são poucos explorados, e isso é mais uma caixa pra onde a criança vai depois de sua casa, e ao qual passa boa parte do seu tempo (O COMEÇO DA VIDA LÁ FORA 2, 2020).

Ela precisa sair mais dessas caixas para atender as suas necessidades que estão ligadas com a natureza, neste caso, a criança é a natureza, e a natureza da criança precisa da natureza verde, desse mundo verde, conhecer os seres vivos que fazem parte do ciclo da vida, além de todos os benefícios que esse contato causa nas funções físicas, cognitivas e emocionais destes indivíduos.

O próprio instinto da criança é de movimento, de energia, de querer conhecer, sentir, descobrir, fazer parte de algo maior, fazer parte desse planeta e de um ecossistema ao qual ela está inserida. O ensino regular mostra que a criança só “aprende dentro de uma caixa”, e o mundo lá fora não faz parte desse ensino, desse conhecimento.

Estudos já revelam que escolas com ambientes abertos, onde possui verde ao qual as crianças terão contato com a natureza, contribui significativamente para a qualidade desse aprendizado, sendo pontual e eficaz nesse processo construtivo do conhecimento. A natureza permite que as crianças possam descobrir seus medos, dificuldades, trabalhar seu equilíbrio, traz saúde mental e física, além de acalmar seu corpo. Estimula a criatividade e interação com a natureza (O COMEÇO DA VIDA LÁ FORA 2, 2020).

A sensação de pertencer a natureza faz parte da criança, nessa relação e convívio, ela se sente parte da natureza e imersa em todas as suas descobertas. O corpo da criança é para se movimentar e não ficar inerte, o conhecimento e aprendizado é um conjunto de relação dentro dos espaços formais e não formais, os espaços abertos precisam ser mais explorados, o currículo deve trazer menos conceitos e mais brincar, mais natureza.

As crianças que passam mais tempo da sua infância dentro de “caixas”, correm mais riscos de saúde física, mental, cognitiva e da sua própria formação como indivíduo, os espaços fechados neutralizam e impossibilitam que a criança construa sua personalidade e conseqüentemente se torna um adulto oprimido e com muitos problemas.

As cidades somadas a estrutura escolar e também familiar são grandes controladores e massificadores da primeira infância. Não se pode ter uma visão negativa sobre a natureza, ela não adoce e não enfraquece as crianças, não podemos impedir as crianças de ter contato com mundo verde. Os fatores opressivos sobre a infância, no qual faz com que as crianças fiquem em bolhas, mostra que elas tendem a ficar assintomáticas, doentes, com diagnósticos de doenças modernas, crônicas e demais patologias. Com todos estes elementos negativos, as crianças acabam ficando com problemas de ansiedade, ficam agressivas e chegando ao ponto de fazer uso de medicamentos (O COMEÇO DA VIDA LÁ FORA 2, 2020).

Além disso, quando a criança apresenta um cenário “negativo ou ruim” na escola, logo, se fazem avaliações com profissionais diversos e que acabam criando diagnósticos de saúde para essa criança, e que na maioria das vezes o que elas apresentam de fato não está nestes diagnósticos de doenças, mas sim, a ausência

de exposição dessas crianças a liberdade, de usufruir de espaços abertos, e de ter contato com a natureza, e isso é a chave para que as crianças voltem a serem saudáveis e automaticamente melhorarem na escola, excluindo aquele quadro negativo de possíveis doenças que não existiam. A ciência já comprovou que a natureza ajuda no quadro de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), além de outros transtornos. Quando se expõe a criança pelo menos um tempo curto a natureza, já se tem resultados instantâneos e significativos para aquele indivíduo (O COMEÇO DA VIDA LÁ FORA 2, 2020).

A criança passa mais tempo hoje no computador, jogando vídeo game, e se dedicando a muito mais horas no uso destas tecnologias, está usando basicamente dois sentidos, a visão e audição, esse novo comportamento moderno afeta as crianças de modo direta e indiretamente em todos os sentidos, e cada vez mais elas vão deixando de viver a intensidade da vida em natureza, nos espaços abertos, ocasionando um bombardeio de transtornos e problemas de saúde. Os pais precisam entender que a criança necessita desta conexão com o meio natural, a natureza é a cura para todas as nossas necessidades humanas, somos também a natureza, estamos interligados e conectados.

Precisamos estabelecer conexões com a natureza e com outros seres humanos. A tecnologia nos afasta dessa relação íntima com o meio e com o outro ser humano. O tempo na natureza é um tempo de investimento, é saúde para todos, para a criança e para a família. A natureza tem o poder de acalmar as mentes e equilibrar o seu corpo, tem o poder de renovar as energias.

O grande desafio é transformar a cidade mais verde, é pensar que não podemos nos afastar da natureza, o processo de urbanização intenso causa hoje e daqui a 20 e 30 anos uma grande transformação massiva de concreto somadas a outros problemas das grandes metrópoles, que nos deixam doentes, então é primordial ter espaços abertos verdes e de lazer para que as crianças e os adultos não percam essa conexão vital para todos (O COMEÇO DA VIDA LÁ FORA 2, 2020).

Áreas abertas de lazer é um dos espaços abertos urbanos públicos que devem ser inseridos nos planejamentos da cidade. As crianças sentem falta de saber que estão vivas e o que o mundo lá fora não é apenas carros, prédios, barulho de buzina, e toda essa agitação urbana existente, que perturba todos os nossos sentidos e principalmente os das crianças. A criança gosta de ser livre, de brincar, de se movimentar.

O homem sempre tem a percepção de que ele está em um círculo e a natureza está em outro, ele se coloca separado da natureza, acreditando que não fazemos parte do todo. É preciso entender na prática, que cuidar de nós mesmos é também cuidar da natureza, assim também cuidando de nossas gerações presentes e futuras. A terra não vem de nós mesmos, e sim o contrário, nós que viemos da terra, portanto, nosso respeito e conexão com a natureza é muito mais profundo, e esquecemos dessa relação na correria do dia a dia da cidade.

A criança percebe que há vida ao entorno dela, quando ela se desliga de tudo aquilo que à prende nessas caixas em que vivemos, quando ela se afasta da cidade e fica imersa na natureza, ela começa a perceber o outro, percebe que existe emoção em cada sensação nova em que se permite conhecer, a sensação de liberdade que a natureza proporciona nelas é única. Elas conseguem perceber as diferenças de estar no urbano no concreto e de estar no meio natural.

As crianças percebem que a natureza é a sua casa de verdade, é seu verdadeiro lar, a origem de tudo. As paisagens naturais remetem a elas o lugar onde de fato elas pertencem. É preciso lutar pela natureza sempre, para que ela nunca fique

apenas em um pedaço de papel. A criança é o presente e futuro das gerações, e elas precisam descobrir e se inserirem nos ambientes naturais, e garantir que tenhamos saúde. A transformação que uma árvore faz em uma criança, não tem cidade ou tecnologia, que supere a sensação que essa árvore causa nas crianças.

A natureza trás vida e cores para as cidades, é um arco íris para o urbano, pessoas e principalmente para as crianças. Com o contexto da pandemia da COVID-19, desde 2020, as crianças tiveram que enfrentar diversas situações na qual o confinamento trouxe para cada uma delas, como ter que ficar em casa sem pode sair, sem poder ser livre e de poder brincar e ter contato com pessoas e com a natureza, e isso permitiu uma reflexão de como o mundo lá fora e os amigos são importantes. O confinamento deixou as crianças doentes, com ansiedade, medo, depressão e tantas outras patologias modernas. Esse atual momento de pandemia global mudou tudo na vida delas (O COMEÇO DA VIDA LÁ FORA 2, 2020).

2.3 O ser criança na primeira infância e a cultura do brincar

Na língua portuguesa o “brincar” pode externar um momento de distração, o qual pode ser representado ou mediado por jogos (infantis). Neles há a determinação de determinados papéis como também existe as normas e regras que norteiam as brincadeiras. Seguindo este pensamento, podemos trazer as brincadeiras para o contexto do desenvolvimento infantil em que o simples ato de brincar serve como chave para que a criança possa construir ou ressignificar a sua experiência com o mundo e, ao mesmo tempo, consigo mesma (FANTACHOLI, 2011).

Brincar, segundo a definição do dicionário Ferreira (2010, p. 109) tem por significância: “divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar”. Como é possível perceber e até traduzir a partir da definição de Ferreira, a brincadeira deve fazer parte da própria vida e da ambiência das crianças, pois o simples ato de brincar, por exemplo, pode manifestar uma forma do sujeito se comunicar consigo e com o mundo. Dessa forma, quando olhamos para a História da humanidade, em grande medida, a brincadeira fez parte do desenvolvimento e do convívio social das pessoas, em especial na infância. No entanto, vale sublinhar que essa perspectiva não pode ser visualizada como determinismo, pois elas engendram-se dentro contexto de cada época.

Não podemos perder de vista que a brincadeira pode ser integrada a linguagem da criança. Para isso, ela tem necessidade de espaço e liberdade para se desenvolver plenamente e de forma criativa. Nessa perspectiva, a principal função do brincar é o papel que a criança assume, ou seja, o que ela se propõe diante dos obstáculos e das expectativas colocados por ela mesma ou no contexto do ato de brincar (CRESPO, 2016).

Destarte, infere-se que a brincadeira faz parte da própria necessidade elementar da criança, a qual é assegurada e, por consequência, defendida por lei como um dos princípios fundamentais do direito a criança. Dessa maneira, não podemos negar que a brincadeira é a marca da infância, é essa torna-se um dos primeiros momentos que se identificam as práticas comportamentais, seja ela individual ou grupal, que é extraída por determinadas culturas (MORAES, 2012).

No entender de Carvalho (2016) a brincadeira se instala na criança em todas as formas de manifestações, por exemplo, ainda na condição de bebê, ela é iniciada nas brincadeiras por meio de processos com vista ao seu desenvolvimento. Depois, com ao passar do tempo da própria prática de brincante, ela já tem condições de identificar sons, cores, distinguir barulhos ou ainda de descobrir gradativamente o seu próprio corpo. Desta feita, é possível assegurar essa “rotina” faz parte não só da

linguagem da criança, mas da própria necessidade de desenvolver-se a partir do relacionamento com e na brincadeira

2.3.1 O ser criança e os benefícios do brincar no desenvolvimento enquanto sujeito brincante

No filme/documentário “Tarja Branca” (2020) é possível visualizar o ato de brincar como uma atitude em que se é capaz de romper o tempo e o espaço, no qual se “desenvolve” ou “estabelece” outra dimensão capaz de criar conexão de vínculo entre o “eu” e o “mundo”. No ato de brincar a criança acaba por se entregar por inteira, respondendo, por assim dizer, a sua própria vida e expectativas. Ao se relacionar com a brincadeira, ela se depara com as experiências do e no mundo, pois na atividade livre, ela deixar extravasar sua capacidade de ser gente-livre e dotada de sentidos pelo simples ato de brincar e interagir com o seu semelhante.

Para Loro (2016) existe dois tipos de brincadeiras: brincar livre e o monitorado. Esses dois tipos fazem parte, no entender do autor, do desenvolvimento cognitivo e social da criança. Na perspectiva de Loro a brincadeira livre é a própria criança que determina o que quer e o que fazer. Ela é capaz de colocar todos os seus desejos, estabelecendo as próprias regras e as desenvolvendo de acordo com o seu interesse. Na Brincadeira Monitorada, existem regras e normalmente são ditadas por um adulto.

Entendemos que, tanto a brincadeira livre quanto a monitorada são importantes para criança porque elas oportunizam o funcionamento do mundo, não de forma mecânica, mas dentro dos meandros das regras e normas que regem o viver em coletividade, por exemplo. Salienta-se que, no primeiro caso, a criança experimenta o seu próprio “eu” em ação em que coloca à prova os próprios desejos e ensaia as habilidades desenvolvidas. Já no segundo caso que a criança ao brincar é monitorada tende a seguir as regras já preestabelecidas por terceiros. Assim, advoga-se que elas aprendem justamente sobre a capacidade de participar e de doar-se socialmente por meio de brincadeiras que têm regras e/ou normas estabelecidas *a priori* por agente (LORO, 2016).

Furia (2016) reconhece a brincadeira a partir de uma função biológica do ser humano. Ele colocar em pauta a importância de aumentar o tempo do brincar livremente. Isso ocorre quando afirma que reconhece que o brincar livre também exige uma supervisão por parte de um adulto, mas não nega que o ato de brincar e seu interesse parte da própria criança, por isso que o autor denomina de “brincar livre”.

Com isso, infere-se que há uma necessidade de aumentar o tempo para o brincar livre, pois além de ser um momento lúdico é também uma forma de trabalhar a autonomia da criança, especialmente a partir do conforto e da segurança para conhecer as facetas da vida de uma forma mais dinâmica e segura.

Ao analisar Brasil (1998) descobre-se que a principal função da brincadeira se dar por meio do papel que a criança assume no ato de brincar, em particular quando na brincadeira ocorre a definição de papéis. Com isso, a criança se depara com a realidade de forma mais suave e menos complexa. Ademais, há, dessa forma, uma espécie de “substituição” das ações da realidade real com o mundo criativo e subjetivo da criança. Winnicot (1975) em sua obra “*O Brincar e a Realidade*” defende que a brincadeira como o uso e fim em si mesma já que ela pode ser entendida como uma necessidade básica de viver melhor, na qual indica qualidade de saúde psíquica no desenvolvimento da criança.

Isso corre porque na brincadeira a criança organiza as habilidades exigidas ao longo da vida, como menciona Lebovici e Diatkine (1988):

A criança que não brinca, não se aventura em algo novo e desconhecido. Se ao contrário, é capaz de brincar, de fantasiar, de sonhar, está revelando ter aceito o desafio do crescimento, a possibilidade de errar, de tentar e arriscar para progredir e evoluir (LEBOVICI; DIATKINE, 1988, p. 14).

Não se pode perder de vista que sentimentos como angústia podem se apresentar nas brincadeiras infantis. Isso ocorre porque, como já foi sinalizado anteriormente, ela é uma representação da realidade vivida pelo sujeito. Assim como também pode ocorrer externalização de agressividade. Ambas, angústia e agressividade, podem se manifestar de diferentes formas e têm uma forte conexão com o desenvolvimento emocional das crianças. Dessa forma, as brincadeiras podem servir de válvula para que elas aprendam a dominar os impulsos e as emoções, as quais, por vezes, são manifestadas pelo impulso ou pelo descontrole emocional. No entender de Ciccone (2013) a criança que não passa por essas experiências terá dificuldades em lidar com as emoções quando se tornarem adultos.

Nas pesquisas que fizemos, Freud (1920) é considerado o primeiro psicanalista a falar em atividade lúdica, particularmente na obra "*Além do Princípio do Prazer*". O psicanalista através da experiência com seu próprio neto, afirmou que a criança ao brincar experimenta a fantasia, cria um mundo próprio em que é capaz de expressar os desejos. Para Freud, o ato de brincar deserta prazer, o qual chamou de *catarse*. Esse efeito, no seu entender, propõe à criança a liberação de sentimentos negativos e/ou reprimidos, os quais podem estar relacionados a eventos traumáticos, por exemplo.

Dias (2006) se apoiando nos estudos de Freud percebeu que o objeto da pulsão se torna o próprio objeto do desejo. O objeto, em alguns momentos, por ser inconstante e até indeterminado, no entanto, é por intermédio desse objeto que gira a pulsão. Assim, o ato de brincar da criança revela o prazer da própria autoridade, proporcionando uma negociação que, em determinado momento se colocando como sujeito e em outro como objeto.

Já Klein (1931), nos atendimentos, percebeu que as crianças podem simbolizar ou representar as ansiedades e fantasias por meio do brincar. Ela comparou, por exemplo, os jogos infantis com os sonhos dos adultos (conteúdos latentes do inconsciente), pois no lúdico foi possível analisar a fantasia inconsciente. No entender da autora, a criança se comunica por processos intrapsíquicos para o mundo exterior. Ela se utilizou do brincar como técnica de trabalho. Essa técnica permitiu observar os conflitos inconscientes e, assim, estabelecer uma observação da relação do mundo interno da criança. A investigação de Klein foi considerada promissora porque tratou justamente do desenvolvimento emocional infantil. Dessa forma, permitiu fixar um olhar diferenciado para a maturidade da criança e também para as suas próprias experiências.

Por fim, é preciso considerar a ludicidade ou o ato de brincar faz parte da cultura socioemocional das crianças, as quais balizam a própria essência do ser, do conviver e das interações sociais. Dessa forma, Vygotsky *et al.*, (2006) perceberam nas interações avanços naquilo que a criança é capaz de saber-fazer, especialmente quando tem ajuda dos outros. Desta feita, o ato de brincar, conforme aponta o Referencial Curricular, é capaz de exercer um papel central na interação social, cultural e, também, emocional, pois ratifica as possibilidades do desenvolvimento e do próprio processo de ensino-aprendizagem, em partícula ao considerarmos a interação com o meio e a interação com a emoção (BRASIL, 1998).

3. À guisa de considerações finais

Buscando responder ao objetivo do texto, no qual centrou-se na perspectiva de analisar como o espaço natural ou transformado contribui para o desenvolvimento infantil a partir do processo de ensino-aprendizagem, acredita-se que o estudo buscou estabelecer conexões e, ao mesmo tempo, reflexões acerca da importância do ato de brincar ou de se ter um contato maior com a natureza, particularmente a ajuda que este tipo de atividade pode proporcionar as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagens como é o caso do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), assim como também outros transtornos. Dessa forma, ao longo do texto buscou-se apresentar a importância que há na exposição/relação das crianças com a natureza, pois neste contato é visível os resultados que ela causa no sujeito-criança, por exemplo.

Ao expormos sobre o processo de desenvolvimento da educação infantil no Brasil, a presente pesquisa buscou mostrar que o atual cenário da educação brasileira levanta diversos debates sobre o processo de ensino-aprendizagem capaz de provocar inquietações, enquanto professores/professoras, bem como o de repensar as nossas práticas metodologias aplicadas na ambiência do *locus* de atuação profissional. Pois a nossa ação pedagógica deve estar voltada o conhecimento e a formação integral do aluno. Sendo assim, as práticas educativas devem ser contempladas num currículo voltado para a infância, no sentido de favorecer formas de ensino-aprendizagem.

Conforme as literaturas analisadas por nós, o ato de brincar, no sentido lúdico, é o termo evocado, nos últimos anos, na educação infantil, porém, com o avanço da tecnologia, além de determinantes sociais complexos, os quais se apresentam de forma complexa, há um sério enfraquecimento no quadro evolutivo da capacidade criativa da criança. Diante disso, nota-se, hodiernamente, um individualismo que, por vezes, afeta os vínculos interpessoais, a afetividade e a capacidade do desenvolvimento de uma vida saudável.

Talvez, não seja tão fácil encontrar soluções para os muito muitos problemas sociais e educacionais que passam o sistema educacional brasileiro, porém, uma saída possível seja investir na compreensão do quão é importante entender e valorizar as fases do desenvolvimento das crianças, particularmente percebendo-as quanto sujeitos que têm o direito de viver e brincar conforme as competências e ludicidade do seu próprio tempo e entendimento, valorizando, dessa forma, a criatividade que é própria das crianças.

No que se refere a descrever a primeira infância e suas principais concepções, a pesquisa relatou o período da primeira infância, a qual compreende a faixa etária entre 0 e 6 anos. Destaca-se que, é nessa faixa etária que ocorre o processo de desenvolvimento e da aprendizagem das crianças. Dessa forma, compreende-se que a privação da primeira infância acaba por anular ou interromper, parcial ou total, o processo de desenvolvimento infantil, sendo, portanto, fundamental que nesse período da vida das crianças sejam assegurados, de forma plena, o seu direito a ser criança, pois, dessa forma, elas têm plenas condições emocionais e cognitivas de se desenvolverem tem na ludicidade o amparo para a efetivada do desenvolvimento das crianças.

Quanto a reflexão sobre a relação da primeira infância e o ambiente, a pesquisa apontou que a criança ao brincar acaba por trazer consigo a compreensão da vida e de seus impulsos de viver, existindo forte influência do seu meio

sociocultural. Assim, caso os estímulos criativos não sejam reforçados no ambiente em que a criança está inserida, tais habilidades tendem a desaparecer. Diante disso, percebe-se o quanto o ambiente é fator preponderante para o desenvolvimento e compreensão de mundo do próprio indivíduo ou do meio que ele se relaciona socialmente, especificamente quando reforça e valoriza a liberdade criativa das crianças enquanto sujeitos aprendiz e brincante.

Referências

- BASSO, Cíntia Maria. Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computador. In **Linguagem e Cidadania**, s. l. n. 004, p. 1, dez. 2000. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm> Acesso em: 09 ago. 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Rio de Janeiro: Planalto, 1988. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 09 ago. 2021.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016**. Brasília: Planalto, 2016. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 09 ago. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília: Planalto, 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 09 ago. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRENTANI, A. V. M. *et al.* **O impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem**. Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância. Brasília: MSD, 2014. Disponível em: <<https://www.mds.gov.br>>. Acesso em: 09 ago. 2021.
- CARVALHO, Marianne da Cruz de. **A importância do brincar na construção de conhecimentos de crianças na pré-escola**. Dissertação (Mestrado em Docência e Gestão da Educação). Portugal: Universidade Fernando Pessoa, 2016.
- CICCONE, Soraia Dias. **Criatividade na obra de D. W. Winnicott**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas), 2013.
- CRESPO, Teresa Paula Nogueira. **A importância do Brincar para o desenvolvimento da criança**. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar). Portalegre/Portugal: Instituto Politécnico de Portalegre, 2016.
- DIAS, Maria das Graças Leite Villela. O sintoma: de Freud e Lacan. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 2, 2006.
- DIDONET, Vital. Creche: a que veio, para onde vai. In: Educação Infantil: a creche, um bom começo. **Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**. v. 18., n. 73. Brasília, 2001. p. 11-28.
- FANTACHOLI, Fabiane das Neves. O brincar na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras-um olhar psicopedagógico. **Revista Científica Aprender**, v. 5, n. 12, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2010.
- FRANCO, Alessandra Aparecida.; TANO, Cleide Francisca. Interdisciplinaridade e Inovação: estudo de um projeto de extensão. **Enciclopédia Biosfera**. Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 10, n. 19, p. 322, 2014.
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Sigmund Freud, v. 18, 1920.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. A reflexão sobre a ciência e a metodologia científica como pressupostos da pesquisa em educação. In: **Metodologia da pesquisa em educação** – estudos para auxiliar na formação de professores(as)/educadores(as) do campo. Manaus/AM: UEA Edições, 2012, p. 11-28.

KLEIN, Melanie. Uma contribuição para a teoria da inibição intelectual. **International Journal of Psycho-Analysis**, v. 12, 1931.

LEBOVICI, S.; DIATKINE, R. **Significado e função do brinquedo na criança**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1988.

LOPES, Juliana Trigueiro Caroca de Queiroga. **A formação docente nas políticas educacionais inclusivas** - um desafio prático. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), 2008.

LORO, A. R. **A importância do brincar na educação infantil**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia). São Paulo: Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium (UNISALESIANO), 2016.

MORAES, I. M. **A Pedagogia do brincar: intercessões da ludicidade e da Psicomotricidade para o desenvolvimento infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), 2012.

NASCIMENTO, K. L.; NASCIMENTO, F. L. Psicologia Infantil: a importância do brincar no desenvolvimento da criança. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 30, n. 10, p. 57–79, 2022.

NONO, Maévi Anabel. **O brincar na Educação Infantil**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, 2010. Disponível em <<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/231>>. Acesso em: 09 ago. 2021.

OLIVEIRA, Daniella Machado de.; FULGENCIO, Leopoldo Pereira. Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 1, abril, 2010.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado.; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A História da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTERDBR On-line**, Campinas, n. 33, p. 78-86, 2009.

PINHEIRO, N. V. L. **Escolas de práticas pedagógicas inovadoras: Intuição, escolanovismo e matemática moderna nos primeiros anos escolares**. Dissertação (Mestrado em História da Educação Matemática). São Paulo: USP, 2013.

RAYANE, D. B.; SOUSA, D. H. A. V. de. Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: um estudo de caso. **Revista InterScientia**, v. 6, n. 2, 2018.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, C. M. B.; MARQUES, J. T. **Buscando a construção e (re)construção da práxis pedagógica**. UNIGUAÇU/FAES, 2010. Disponível em: <<http://www.faesi.com.br/nucleo-de-pesquisa-cientifica/75-portal-do-saber/234-buscando-a-construcao-e-reconstrucao-da-praxis-pedagogica>>. Acesso em: 09 ago. 2021.

SANTOS, Sérgio Alves dos. **A experiência lúdica na perspectiva do desenvolvimento motor na educação infantil**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física). Paraíba: Universidade de Brasília (EAD/UNB), 2014.

SANTOS, Simone Cardoso dos. **A importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gestão Educacional). Santa Maria: UFSM, 2010.

SILVEIRA, A. A. **A importância do lúdico no ensino aprendizagem**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Infantil Alta Floresta). Mato Grosso: Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena (AJES), 2011.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich.; LEONTIEV, Aléxis N.. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Editora Ícone, 2006.

WINNICOTT, Donald. W. **O brincar e a realidade**. Coleção Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Editora IMAGO, 1971 - 1975.

WINNICOTT, Donald W. **Primeiras experiências de independência**. Rio de Janeiro: Editora Zahar Editores, 1982.

WINNICOTT, Donald W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, Donald W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Fontes:

BRANCA, TARJA. **Filme/Documentário**. Curso de extensão dia 2. [s. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (2:21:55 min). Publicado pelo canal Luana Calvetti. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso ago 2021.

FURIA, F. **Brincar livre e sua importância no desenvolvimento infantil**. [s. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (5:43 min). Publicado pelo Canal Criar e Crescer. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 09 ago. 2021.

O COMEÇO DA VIDA LÁ FORA 2. **Documentário sobre ciência e natureza**. Produzido pela Netflix, ano de 2020, 1h 32 min. Disponível em: <https://www.netflix.com/br>. Acesso em: 09 ago. 2021.

RAPS. Rede de Ação Política pela Sustentabilidade. **Guia Temático: Atenção dos municípios com a primeira infância**. Portal Eletrônico da RAPS, [2020]. Disponível em: <<https://www.raps.org.br>>. Acesso em: 09 ago. 2021.